OS MEDOS DA CLASSE MÉDIA BAIXA E A ASCENSÃO DA EXTREMA-DIREITA[1]

Stefan Zweig

Dos tempos mais recuados da minha infância, recordo o dia que trouxe consigo o decisivo impulso no crescimento do Partido Social-Democrata na Áustria. Mediante uma impactante manifestação do seu poderio e número de aderentes, os trabalhadores declararam o 1.º de Maio[2] como feriado da classe trabalhadora e iriam marchar em formação cerrada para o Prater e descendo a Hauptalle[3], onde somente os cavalos e as carruagens da aristocracia e da classe média rica costumavam entrar nesse dia[4], para o tradicional desfile pela larga e formosa avenida ladeada de castanheiros. Este anúncio paralisou de horror a classe média liberal. Nesse tempo, na Alemanha e na Áustria, a palavra 'socialista' era associada a sangue e terrorismo, tal como os termos Jacobino antes e Bolchevique depois. De início, ninguém julgou possível que a horda vermelha dos subúrbios da cidade marchasse sem incendiar as casas, pilhar as lojas e cometer todos os imagináveis actos de violência. Espalhou-se uma espécie de pânico. A polícia de toda a cidade e arredores tomou posição na Praterstrasse, com o Exército de reserva, pronto a abrir fogo. Nenhuma carruagem ou táxi se atrevia a aproximar-se do Prater, os comerciantes baixaram as protecções de ferro sobre as suas montras, e recordo-me de os meus pais nos proibirem, a nós crianças, de ir à rua naquele dia terrível, quando Viena podia ficar em chamas. Os trabalhadores, com as suas mulheres e filhos, marcharam para o Prater com exemplar disciplina, em fileiras de quatro, todos eles de cravos vermelhos ao peito, o símbolo do partido. Enquanto marchavam, cantavam *A Internacional*, mas, entretanto, no belo relvado da formosa avenida, onde nunca tinham posto os pés, as crianças começaram a entoar as suas alegres canções escolares. Ninguém foi agredido, não houve troca de insultos nem se ergueram punhos crispados; os agentes da polícia e os soldados sorriram para os trabalhadores de forma amigável. Graças a este comportamento irrepreensível da parte dos trabalhadores, não mais foi possível para a burguesia acusá-los de revolucionários vermelhos e foram feitas concessões de ambas as partes – como era usual no sensato povo da velha Áustria. Ninguém tinha ainda imaginado o actual sistema de reprimir manifestações à bastonada, e, embora o ideal humanitário estivesse já a sumir-se, ainda estava vivo entre os líderes dos partidos.

Tinha o cravo vermelho acabado de surgir como símbolo de um partido, logo outra flor apareceu subitamente noutras botoeiras – o cravo branco, símbolo de membro do Partido Social Cristão (como é comovente pensar que, nesse tempo, os símbolos dos partidos eram flores e não botas de montar, punhais e caveiras). O Partido Social Cristão, saído da classe média baixa, era, na verdade, o contramovimento orgânico oposto aos trabalhadores proletários, e, basicamente, foi tanto um produto da vitória da máquina sobre o Homem, como também estes o foram. É que a indústria, agregando um elevado número de trabalhadores nas fábricas, proporcionou-lhes poder e regalias sociais, ao mesmo tempo que constituía uma ameaça para as pequenas oficinas. Grandes armazéns e produção em massa eram a ruína da baixa classe média e dos pequenos artesãos que ainda exerciam o seu velho

[1] Trecho da obra *The World of Yesterday*, Kindle Ed., pos. 963 a 1042.
[2] De 1890.
[3] O Prater é o famoso e enorme parque público de Viena; a Hauptalle é a principal avenida que o atravessa.
[4] Festival da Primavera, nos países do Norte da Europa.

negócio. Um líder inteligente e popular, o Dr. Karl Lueger, explorou esta insatisfação e ansiedade, e, com o slogan "Temos de ajudar os pequenos", uniu a descontente baixa classe média, cuja inveja daqueles mais prósperos que eles era consideravelmente menor do que o medo de tombarem do estatuto de burguesia para o proletariado. Seria exactamente o mesmo tipo de grupo social, vivendo num estado de ansiedade, que, mais tarde, Adolph Hitler aglomeraria à sua volta, para formar o seu primeiro grande corpo de seguidores. Karl Lueger era, também, o seu modelo noutro sentido, ao ensinar-lhe a utilidade dos slogans anti-semitas, apontando assim à descontente classe média um inimigo visível e, ao mesmo tempo, desviando imperceptivelmente o seu ódio dos grandes proprietários e da riqueza feudal.

Mas a de longe maior vulgarização e brutalidade das políticas de hoje, a terrível repetição que temos visto no nosso próprio século torna-se óbvia se compararmos os dois homens. Karl Lueger, uma figura imponente, com a sua suave e longa barba loura – era conhecido em Viena como o "Karl bonitão" –, tinha uma educação universitária, e, não fora sem consequências que frequentara a escola numa época que atribuía o mais elevado valor à cultura intelectual. Podia falar de uma maneira que o homem comum entendia, era veemente e espirituoso, mas mesmo quando falava com a sua máxima agressividade – ou com o que, naquele tempo, era considerado agressividade –, jamais descia abaixo dos limites da decência; e, conquanto tenha tido o seu equivalente a Julius Streicher[5], manteve-o cuidadosamente sob controlo. Este equivalente era um certo mecânico chamado Schneider, cuja propaganda anti-semita consistia de vulgaridades tão insensatas como assassinatos rituais. Lueger, cuja vida privada estava acima de qualquer reparo, manteve sempre uma certa dignidade a respeito dos seus adversários e o seu anti-semitismo oficial nunca o impediu de ajudar os antigos amigos judeus e de lhes mostrar a sua boa vontade. Quando o seu movimento finalmente assumiu o poder na Câmara Municipal de Viena e ele acedeu ao cargo de Presidente – uma nomeação que o imperador Francisco José, que detestava o

[5] Julius Streicher (1885-1945) foi editor e fundador do jornal *Der Stürmer*, notoriamente anti-semita e nazi.

movimento anti-semita, por duas vezes se recusara a sancionar –, a sua administração da cidade foi irrepreensivelmente justa e, na verdade, um modelo de democracia. Os Judeus, que tinham ficado aterrorizados com o triunfo do partido anti-semita, continuaram a ser respeitados e a gozar de direitos iguais. O ódio venenoso e o impulso de mútuo aniquilamento não tinham entrado, ainda, nos costumes desse tempo.

Mas eis que aparece uma terceira flor simbólica, a centáurea azul, flor favorita de Bismarck e símbolo do Partido Nacional Alemão[6], o qual (não que alguém tenha reparado na época) era deliberadamente revolucionário e trabalhava, pela força bruta, para a destruição da Monarquia Austríaca, antecipando o sonho de Hitler de uma *Grande Alemanha*, sob uma liderança prussiana e protestante. Enquanto o Partido Social Cristão tinha as suas raízes em Viena e os socialistas nos centros industriais, os Nacionalistas Alemães tinham os seus militantes quase somente nas zonas fronteiriças da Boémia e dos Alpes; eram numericamente fracos, mas contrabalançavam a sua insignificância com uma agressividade feroz e brutal. Os seus poucos deputados tornaram-se o terror e – no velho sentido da palavra – a vergonha do Parlamento austríaco. Hitler, ele próprio um austríaco da área fronteiriça, adoptou as suas ideias e métodos como ponto de partida. Aceitou como bom o estridente brado "Para longe de Roma!" lançado por Georg von Schönerer[7], a quem milhares de alemães nacionalistas seguiram obedientemente no seu tempo, enfurecendo o Imperador e o clero ao converterem-se do catolicismo ao protestantismo. Hitler também adoptou a sua teoria anti-semita da raça – *In der Rass' liegt die Schweinerei*[8], disse ele como famoso exemplo – e, acima de tudo, adoptou de Schönerer o emprego das implacáveis secções de assalto[9] para atacar a esmo, e, com ele, o princípio de que um pequeno grupo intimida um outro numericamente superior, mas humano e passivo, através do terrorismo. O que os homens das S.A. fizeram pelo Nacional-Socialismo, desbandando reuniões com bastões de borracha, atacando os opositores durante a noite e abatendo-os, foi, nessa época, feito na Áustria, para os Nacionalistas Alemães, pelos grupos de estudantes que estabeleceram um regime sem paralelo de violência terrorista, a coberto da imunidade académica, e estavam prontos para marchar, militarmente organizados, em qualquer acção política em que fossem chamados a fazê-lo. Agrupados nas chamadas 'fraternidades', de rostos escalavrados, bêbados e brutais, dominavam o átrio da universidade porque não só não usavam faixas e barretes como os demais estudantes como estavam, também, armados com pesados bastões. Sempre

[6] Apesar do nome, tratava-se de um partido político austríaco.
[7] Georg von Schönerer (1842-1921), fundador do Partido Pangermânico da Áustria. Existiu durante pouco mais de duas décadas, mas Hitler e o Nacional-Socialismo Alemão foram influenciados pelo seu anti-semitismo e anti-catolicismo.
[8] *Na raça é que está a vergonha*. Aqui, o sentido geral é que a origem racial do judeu faz dele um suíno, uma vergonha.
[9] Em alemão *Sturmabteilung*, ou, abreviadamente, S.A..

provocatórios, agrediam alternadamente os estudantes eslavos, os judeus, os católicos, os italianos, expulsando da universidade os indefesos. Durante cada uma das 'caminhadas informais', como eram chamados os desfiles de estudantes aos sábados, havia derramamento de sangue. A polícia, que, devido ao antigo privilégio da universidade, não podia entrar nas suas instalações, assistia impotente, à distância, enquanto estes cobardes rufias iam ao ataque. Os agentes da polícia tinham de se limitar a levar dali os feridos, os quais eram arremessados pelas escadas abaixo e para a rua pelos violentos nacionalistas. Sempre que o pequeno mas ruidoso partido dos Nacionalistas Alemães pretendia fazer algo utilizando a força, empregava secções de assalto de estudantes. Quando o conde Badeni[10], com o consentimento do imperador e do parlamento, decidiu introduzir a 'Ordenação da Língua', com a finalidade de estabelecer a concórdia entre as nações da Áustria, e que, provavelmente, teria prolongado a existência da própria Monarquia por décadas, esta mão-cheia de jovens rufias logo foi ocupar a Ringstrasse[11]. Foi enviada a cavalaria, espadeirados os sublevados e ouviram-se tiros. Mas nessa época, tragicamente débil, apesar de enternecedoramente humana e liberal, era tamanho o horror relativamente a qualquer tumulto ou derramamento de sangue, que o governo cedeu perante os terroristas Nacionalistas Alemães. O primeiro-ministro apresentou a demissão e a 'Ordenação da Língua', medida que tinha o apoio dos verdadeiros lealistas, foi revogada. O advento da brutalidade na política registava o seu primeiro sucesso. Quando as principais fissuras entre raças e classes, laboriosamente reparadas durante a época de conciliação, foram forçadas, alargaram-se para ravinas e desfiladeiros. De facto, nesta última década antes do novo século, a guerra travada por todos contra todos já tinha começado na Áustria.

Nós, homens jovens, no entanto, absorvidos nas nossas ambições literárias, pouco reparámos nas perigosas mudanças ocorridas na nossa terra. Só tínhamos olhos para livros e quadros. Não dedicámos o mínimo interesse aos problemas políticos e sociais; o que é que toda esta estridente contenda significava para as nossas vidas? A cidade encontrava-se num estado de agitação próprio de época de eleições e nós íamos para as bibliotecas. As massas revoltavam-se e nós escrevíamos e discutíamos poesia.

Fracassámos ao não vermos o que estava sendo escrito nas paredes, em letras de fogo. Tal como o rei Belsazar[12] antes de nós, comemos nos deliciosos pratos da cultura e nunca olhámos apreensivamente para diante. Só décadas mais tarde, quando o telhado e as paredes do edifício ruíram sobre nós, tivemos consciência de que os alicerces haviam sido minados havia muito tempo e que a derrocada da liberdade individual na Europa tinha começado com o novo século.

Traduzido por David Martelo, da versão inglesa de Anthea Bell – Julho de 2016

---

[10] O conde Kasimir Badeni (1846-1909) – político austríaco que, como 1.º Ministro em 1895-97, procurou introduzir uma 'Ordenação da Língua', concedendo igual estatuto aos idiomas alemão e checo nos actos oficiais da Boémia, parte do império Austro-Húngaro naquela época. O alemão era geralmente o idioma preferido das classes educadas e a sua proposta encontrou uma violenta oposição.

[11] Via circular do centro de Viena.

[12] Belsazar era filho de Nabonido e Nitócris, filha de Nabucodonosor e viúva de Nergal-Sharezer. Quando jovem, deu uma festa para um milhar dos seus lordes, e, animado pelo vinho, mandou trazer os vasos sagrados que o seu "pai" (ou, mais precisamente, avô) Nabucodonosor havia pilhado do templo de Jerusalém, e, com seus príncipes, bebeu neles. De repente, apareceu uma mão, que escreveu na parede o julgamento de Deus. As palavras eram Mene, Tequel e Parsim. Como ninguém descobriu o significado das palavras, chamaram um ex-sábio do rei Nabucodonosor, Daniel, que interpretou as escritas; na mesma noite, o reino dos Caldeus chegou ao fim, e o rei foi morto. O reino foi tomado por Dario, rei dos Persas.